

**A identidade do professor na comunidade indígena Xerente: proposta de pesquisa sobre o cotidiano e constituição do sujeito<sup>1</sup>****The identity of the teacher in the Xerente indigenous community: proposal of research on the daily life and constitution of the subject**

DOI:10.34117/bjdv5n7-015

Recebimento dos originais: 11/05/2019

Aceitação para publicação: 10/06/2019

**Eder Ahmad Charaf Eddine**

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Endereço: Quadra 109 Norte, Avenida NS-15 - Plano Diretor Norte, Palmas – TO, Brasil

E-mail: ederahmad@uft.edu.br

**RESUMO**

Compreender a constituição do sujeito, principalmente, do sujeito professor, requer um estudo que contemple o seu fazer cotidiano e a suas representações sociais. O intento de nossa proposta, que é um projeto ainda em andamento, é perscrutar a constituição do sujeito professor inserido em uma comunidade indígena no Tocantins, mais especificamente, a comunidade Xerente, localizada, aproximadamente, à distância de 70 km de Palmas, capital do estado, com 56 aldeias entre o Rio Tocantins e o Rio Sono. Propomos investigar a constituição do ser professor no ambiente indígena e resgatar sua história e sua relação com o ambiente, compreendendo seu fazer cotidiano e suas práticas. Utilizaremos como metodologia a teoria da Representação Social alinhada com a técnica da História de Vida e o arcabouço teórico para as análises será constituído a partir de teorias sócio-históricas, que compreendem que o sujeito professor é social e historicamente construído e seu fazer é singular e universal, mesmo estando em um contexto específico. Até o momento realizamos uma pesquisa bibliográfica nos principais bancos de dados online. Como resultado preliminar identificamos que são poucos os estudos sobre a educação escolar Xerente e que as pesquisas estão relacionadas com questões de gênero, de espaços e com as lendas e mitos.

**Palavras-Chave:** Constituição do sujeito; Etnia Xerente; Cotidiano Escolar Indígena.**ABSTRACT**

Understanding the constitution of the subject, mainly, of the subject teacher, requires a study that contemplates his daily doing and his social representations. The goal of our proposal, which is a project still underway, is to examine the constitution of the subject teacher inserted in an indigenous community in Tocantins, more specifically, the Xerente community, located approximately 70 km from Palmas, capital of state, with 56 villages between the Tocantins River and the Sono River. We propose to investigate the constitution of being a teacher in the indigenous environment and to rescue its history and its relationship with the environment,

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar desse artigo foi publicada no II Interfor - Encontro Internacional sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (EDDINE, 2017).

including its daily life and practices. We will use as methodology the theory of Social Representation aligned with the technique of the History of Life and the theoretical framework for the analyzes will be constituted from socio-historical theories, which understand that the subject teacher is socially and historically constructed and the job is singular and even in a specific context. So far we have carried out a bibliographic search in the main databases online. As a preliminary result, we identified that there are few studies about Xerente school education, and that research is related to gender, space, and legends and myths.

**Keywords:** Constitution of the subject; Ethnicity Xerente; Daily Indigenous School

## 1 INTRODUÇÃO

A presente proposta busca investigar a constituição do sujeito e do ser professor na comunidade indígena Xerente, constituição intimamente ligada ao tempo e ao espaço dos sujeitos. No caso dos Xerente, este tempo e espaço é o da sua comunidade, que está localizada entre o Rio Tocantins e o Rio Sono, com uma população de aproximadamente 2.857 pessoas, distribuídas em 56 aldeias, das quais 1.443 pertencem ao sexo masculino, e 1.414, ao sexo feminino. Essa comunidade reside em duas áreas de demarcação indígena, chamadas de Reserva Xerente e Reserva Funil, a 70 km ao norte de Palmas, capital do Tocantins (MILHOMEM, 2010). Atualmente, há 44 escolas de Ensino Fundamental e uma escola de Ensino Médio, esta denominada de Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – Warã (CEMIX).

Poucos são os estudos sobre esse povo. Segundo Milhomem (2010), as pesquisas feitas com a comunidade estão voltadas para a relação com a língua e sua utilização e, mais escassas, ainda, são as pesquisas que abordam a educação dessa população. No trabalho citado, a autora analisa as representações sociais de gênero e as expressões de violência simbólica no cotidiano do trabalho docente no interior da comunidade indígena Xerente. O resultado de sua pesquisa informa que as práticas de vida das mulheres Xerente se constituem a partir da coabitação de permanências, categoria que explica ser a convivência com a reprodução de posições de gênero bastante tradicionais e as mudanças a partir do maior nível de escolarização, assumindo novos papéis políticos, no trabalho, na economia familiar que abrem possibilidades para a condição feminina. A estudiosa relata que essas mulheres constroem uma identidade em conflito: ora se orientam por valores da cultura tradicional, ora se orientam por valores da cultura ocidental capitalista. Para a autora,

De um lado, fatores como a maior escolarização das mulheres, a assunção de novas atribuições políticas, no trabalho, na economia familiar, abrem possibilidades para ampliar os direitos e a cidadania. Por outro lado, os papéis masculinos mais

tradicionais são reafirmados e enaltecidos nos discursos de homens e mulheres, na mesma proporção em que a crescente importância das mulheres na organização social e política tende a ser minorada. (MILHOMEM, 2010, p. 8)

Em pesquisa sobre a questão de gênero na comunidade Xerente, Sifuentes (2007), apoiada na abordagem dialógica dos fenômenos psicológicos, alerta que a posição da mulher na comunidade amplia para novas zonas de possibilidades devido a fatores de maior escolarização e na relação com o consumo. Segundo a investigadora, ao mesmo tempo em que a condição feminina se abre para novas possibilidades, a condição do homem se fragiliza devido ao alcoolismo e desemprego, reafirmando papéis masculinos tradicionais no discurso das mulheres.

Moi (2003), a partir da abordagem etnoarqueológica, elaborou um modelo de organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente. Com metodologia estatística, elucidou os relacionamentos entre a cultura material e o comportamento. A pesquisa descreve, a partir de desenhos e da análise das Unidades Domésticas, todas as estruturas organizacionais da Aldeia Porteira e da Aldeia Rio Sono. A autora revela que os Xerente se organizam a partir das atividades econômicas de subsistência. Nos meses de abril e maio, acontece a estiagem e, por consequência, a colheita do cultivo de milho e arroz. No mês de julho, há a colheita da entressafra e a confecção de artesanato em larga escala. No mês de novembro, inicia o período de chuva. Nesse período, as famílias fazem roça de coivara e plantam.

Em uma perspectiva que mescla uma visão antropológica, com dados da história social, Silva (2012) investigou como o povo Xerente trabalhou sua manutenção como grupo étnico, onde algumas práticas culturais foram destacadas e outras relegadas. O autor procurou responder sobre como este povo criou estratégias e reelaborou suas práticas culturais ao estabelecer relações com entidades estatais, civis, religiosas e outros povos indígenas ao longo dos séculos XIX e XX.

O autor conclui que, a partir do processo de contato com os não indígenas, principalmente no século XIX, o povo Xerente fez guerra, criou aldeia e aprendeu a resistir contra a morte de seus aspectos sociais e culturais, guardando sua memória, suas lendas, seus costumes, suas pinturas, suas festas e sua língua. Também superou lutas internas, combateu os colonizadores às margens do rio Tocantins e sobreviveu às epidemias do início do século XX.

Diante dos estudos elencados para compreender o processo da construção do conhecimento sobre o povo Xerente, a pesquisa esboçada neste projeto pretende trazer a

compreensão do professor que atua em um contexto diferenciado, contexto não-hegemônico. Ou seja, pretendemos resgatar a trajetória de vida de professores com tempo de trabalho variado e que realizam suas atividades em contexto intercultural indígena.

Analisar a construção do ser professor por meio de suas representações e dos relatos memoriais, as práticas de formação continuada, o fazer educativo e sua formação inicial, é buscar compreender a sua constituição enquanto sujeito. Para tanto, é necessário discutir o processo da constituição e identidade desses sujeitos por meio dos eventos que estes escolhem para narrar.

Investigar quem são esses professores e suas práticas educacionais, implica discutir suas atividades e seus processos de formação. Assim, entendemos essa atividade como um processo em constante constituição, pois esses professores pertencem a um grupo social, igualmente, dinâmico.

Na medida em que atua, o professor constrói diferentes noções por meio das leituras de livros didáticos (ou paradidáticos), cursos de especialização, orientações das diretrizes educacionais, exigências de projetos institucionais de ensino, tendências educacionais, necessidade de adequação ao grupo de alunos, bem como aos diferentes contextos desses, relações sociais que o caracteriza como aquele que sabe. Esse cabedal de imposições acaba por conduzir uma atividade múltipla, complexa e em movimento.

Dessa forma, a sua atividade se constitui num contexto social e histórico. Para Lane (1989, p.12), “[...] o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura é história”. E, assim, durante sua experiência em sociedade, o homem vai acumulando e fixando formas de realizar determinadas atividades, de compreender a realidade, de se comunicar e expressar seus sentimentos, criando e fixando, pois, modos de agir, pensar, falar, escrever e sentir, que se transformam com o desenvolvimento das relações sociais estabelecidas entre os homens para produção de sua sobrevivência.

Estreitos são os laços que se criam e se engendram entre o humano e seu meio natural e revelam que as populações não estão somente inseridas no ambiente, mas fazem parte dele, com ele dialogam e suas práticas materiais e representações sociais são constitutivas desse ambiente. Por isso, ao desvelar a natureza, encontramos o homem como produtor da história que retrata as expressões da região em todos os aspectos que constituem o espaço educativo como lugar de construção social.

A interatividade do homem com seu meio é o espaço de construção de sua subjetividade, de sua identidade. A sua experiência no meio social permite o seu envolvimento com o outro e a construção de significados que se revelam no espaço em que atua.

Neste contexto, estão os alunos e professores que vivem seu cotidiano nas escolas em comunidades indígenas, construindo a sua história, fazendo, assim, parte do processo histórico e social do qual o homem é produto e produtor de cultura. Os espaços educativos representam para essas personagens a possibilidade de interação social, tornando o espaço regional um lugar de construção plural que reflete a comunicação com o mundo.

O professor, em sua atuação, suscita inúmeras questões que são reveladas em sua vida social, nos seus acontecimentos diários, nas interações formadoras de marcas identitárias e de todas as ações que, quando evidenciadas, emergem do seu cotidiano.

O indivíduo vive o seu cotidiano de homem singular que, por sua vez, cria a possibilidade de produção social. A realidade da vida cotidiana é mantida por intermédio de rotinas e se reafirma na interação do indivíduo com os outros e como a realidade, internalizada pelo processo social, e é construída socialmente.

Até aqui, introduzimos e discutimos algumas das justificativas que orientam nosso estudo. Cabe, agora, elencar alguns dos questionamentos que norteiam esta proposta de pesquisa, tais quais:

Considerando as contradições acima expostas, tanto no que diz respeito à comunidade indígena Xerente, identidades, quanto à própria constituição do sujeito e da sociedade, quais os caminhos percorridos pelos professores desse cenário em relação a constituição de sua identidade nesta comunidade?

Considerando a singularidade de uma comunidade indígena, quais as práticas adotadas pelo professor inserido neste contexto?

Considerando a diversidade cultural de uma comunidade indígena, qual o papel do professor no reconhecimento das especificidades do sujeito que estuda em sua comunidade?

Considerando a história de vida e a memória do professor que atua na comunidade Xerente, como um ser que produz conhecimento e é produzido pelo meio em que vive, como constitui sua identidade no meio social que é produto de diversas culturas e identidades?

Nosso intuito principal é o de contribuir para uma educação escolar que reconheça o contexto que a compõe, compreenda a dinamicidade da história e das relações sócio-culturais, que levante as práticas realizadas pelos docentes, percebendo que sua história, seu contexto pode influenciar naquelas.

Nosso intuito principal, a partir deste projeto de pesquisa, é contribuir para uma educação escolar que reconheça o contexto que a compõe e compreenda a dinamicidade da história e das relações sócio-culturais, contribuindo, ainda, para uma educação que valorize as práticas realizadas pelos docentes e perceba que suas histórias e seus contextos podem influenciar o fazer cotidiano da escola.

Assim, temos como objetivo compreender como se estrutura o processo de constituição do sujeito docente que atua junto à comunidade indígena Xerente, tendo como referências seus processos educacionais formativos e as vivências cotidianas na docência junto à comunidade indígena.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se estuda o ser professor, há a necessidade de se considerar as diversas relações existentes na cultura, na política e na sociedade. Nóvoa (1995, p. 15), relata que “[...] a gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras *congregações docentes*” (grifos do autor). A atuação docente deixa de ser uma atividade secundária ou acessória, passa para uma atividade especializada, ou seja, o profissional torna-se especialista em educação, gasta mais tempo e energia para executar a atividade.

Assim, somente no final do século XVIII é que a atividade do ensino, por meio de múltiplas influências e mudanças, configura o profissional educador como funcionário burocrático. A organização do ensino torna-se estatal (MORETTINI, 2000).

Segundo Morettini (2000, p. 20), “[...] a industrialização e o processo de urbanização fizeram expandir o número de escolas e conseqüentemente de professores. Esse aumento substituiu o professor autônomo pelo assalariado”. Contudo, mesmo sendo assalariado, o professor se diferencia dos demais profissionais, pois ainda goza de certa autonomia, o que se percebe quando o mesmo não pode ser substituído pragmaticamente por uma máquina. Há que se sinalizar que, mesmo em salas de aula cuja tecnologia à distância proporciona a educação, sempre tem a necessidade da figura humana, o que se denomina por tutores, mediando as atividades. Nesses casos, o aluno assiste às aulas através de modernas transmissões. Mesmo que, virtualmente, a figura do professor ainda permanece. Não pretendemos discutir tal relação, mas estamos sinalizando a importância da figura do professor que se mostra, mesmo hoje, essencial no processo educativo.

O professor realiza uma atividade não-manual, o que o coloca, por meio da divisão de trabalho de classes, como um trabalhador intelectual que pensa trabalhando e que trabalha pensando. Essa configuração se deu a partir do momento em que nasceu a primeira divisão da sociedade em classes de trabalhadores manuais e intelectuais.

Para se tentar compreender o processo de constituição dos professores no movimento das experiências vivenciadas, é importante recorrer às contribuições dos teóricos sócio-históricos. A partir desta concepção, buscaremos entender o professor de comunidade indígena como sujeito histórico e social. Esta constituição está ancorada na conceituação dialética de compreensão do sujeito, tratado como processo de construção e, também, de identidade. Inacabada, a identidade é entendida nesta dialética entre o indivíduo e a sociedade. Maheirie (2002, p. 1) aponta que:

Partindo de uma perspectiva dialética de compreensão do homem e de suas relações sociais, é possível apontar que a “identidade” pode ser compreendida como constituição do sujeito, desde que seu significado esteja na direção daquilo que se faz aberto e inacabado.

Dessa forma, ao relatar sua história de vida, o professor trará marcas de uma cultura, inserido em uma sociedade e relatará formas de ver o mundo, de compreender a realidade. São estas realidades que compõe o ser no mundo, a sua identidade, que é mutável, e que sofre metamorfoses (CIAMPA, 1989).

Utilizaremos em nossos estudos o conceito de identidade proposto por Ciampa (1989; 2007), que considera a identidade “[...] como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una” (CIAMPA, 1989, p. 61). Para o autor, são as diferenças e igualdades que formam a identidade e que nos transmitem a primeira noção desta.

E, assim, na convivência com o social, Ciampa (1989, p. 63) entende que vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais os quais fazemos parte, ou seja,

O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc. (CIAMPA, 1989, p. 64).

Conforme posto, entendemos a identidade tanto no aspecto individual, quanto no aspecto coletivo. Ao propormos, portanto, o estudo de relatos de histórias de vida, estamos tentando buscar esta identidade, que é social e histórica, composta por contradições. Portanto,

de acordo com Ciampa (2007, p. 34), “[...] é o sentido da atividade social que metamorfoseia o real e cada uma das pessoas”.

Compreendemos que a atividade e a identidade não se dissociam, pois “[...] daí que a vida, a liberdade, o trabalho, nunca são dados naturalmente; uma identidade humana é sempre negação do que nega” (CIAMPA, 2007, p. 35).

Buscaremos, na análise da memória, trazida pelos relatos, compreender a atividade docente e a identidade inseridas na cultura. Uma cultura peculiar, pois como há várias formas de vida em comunidade indígena, há, por conseguinte, várias identidades, várias metamorfoses.

Buscar a memória de pessoas que trabalham em contexto escolar indígena é resgatar suas histórias, compreender suas identidades e conhecer suas atividades docentes: o fazer do professor.

Com a realização da pesquisa, propomo-nos, então, trazer à tona narrativas de vida, pois, o indivíduo, ao relatar suas histórias, usa como recurso a memória. Ressaltamos que a memória não é neutra, é ressignificada com as vivências de hoje. Bosi (2004, p. 47), a esse respeito, afirma que,

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Por meio da memória, o sujeito percebe-se como detento de saberes e reconhece que é construtor de sua própria história, que tem história. Segundo Amaral e Oliveira (2006, p. 6), “[...] uma vez que somos somatórias de saberes é importante pensar em uma formação que privilegie os conhecimentos trazidos pela nossa história de vida, crenças e valores”. Assim, trazer essas histórias a público é se perceber como metamorfose, como sujeito que tem saberes na vida, que tem formação e que forma pessoas.

Castanho (2000, p. 01) relata que “[...] as vidas de professores podem revelar muito sobre os percursos profissionais, sobre a ligação entre o pessoal e o profissional e sobre os meandros do ato de ensinar”. Diante disso, compreendemos que, a partir das histórias de vidas relatadas pelos professores podemos saber muito sobre sua atuação e formação, que os relatos através de recursos da memória podem nos auxiliar a compreender quem é e como se constitui esse professor que atua em comunidade indígena.

Não se pode perder de vista o contexto sócio-econômico existente e que interfere significativamente nas relações que se estabelecem na sociedade. Ou seja, refletir sobre a sociedade atual é refletir sobre o capitalismo, pois estudar a identidade do sujeito é estudar a sociedade. Segundo Ciampa (1989, p. 72), “[...] não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade [...] as possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem social”.

Percebe-se, então, que as identidades vão configurando em diversos meios e que a influência do capitalismo interfere nas ações e relações humanas, Para Ciampa (1989, p. 72):

O fato de vivermos sob o capitalismo e a complexidade crescente da sociedade moderna impedem-nos de ser verdadeiramente sujeitos. A tendência geral do capitalismo é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado [...].

O capitalismo reduz o homem à coisa e, para isso, padroniza e unifica tudo a sua volta e, em especial, a cultura. Então, compreender o capitalismo e suas influências na produção identitária do sujeito, também, é parte do estudo, pois a identidade é “como um fenômeno que deriva da dialética entre indivíduo e sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 230). Assim, como já fora dito, a identidade é uma construção sócio-histórico-cultural que pode ser, constantemente, remodelada pelas relações sociais. Sociedade esta capitalista.

Compreender as questões identitárias dos professores em contexto indígena é reconhecer a existência de um modo de vida, que engendra um sentimento de pertencimento ao lugar, à comunidade. Assim, segundo Pereira (2003, p. 7), “[...] cada sujeito dará sentido à sua identidade conforme o sentimento de pertencimento que mantém”. Então, buscaremos verificar como as questões identitárias se contextualizam no espaço indígena, especialmente, em professores que atuam numa multiplicidade cultural e linguística, visto que há duas línguas oficiais.

Ciampa (1987) adota as expressões “unidade na multiplicidade” e “metamorfose” ao analisar a identidade. Percebe-se, então, que a identidade é construída numa relação contrastiva, contraditória, e que os sujeitos são dinâmicos, não-cristalizados.

Quando se fala em construção do sujeito a partir de uma perspectiva social e histórica, estamos dizendo que ele é construído na interação entre o indivíduo e o meio, ou seja, um sujeito interativo, forjado na inter-relação com o outro. Molon (1999) nos aponta que a

constituição do sujeito passa pelo reconhecimento do outro e pelo autoconhecimento do eu.

Segundo a autora:

O sujeito é constituído pelas significações culturais, porém a significação é a própria ação, ela não existe em si, mas a partir do momento em que os sujeitos entram em relação passam a significar, ou seja, só existe significação quando significa para o sujeito e o sujeito penetra no mundo das significações quando é reconhecido pelo outro (MOLON, 1999, p. 135).

Com isso, o social não é genérico e abstrato, indiscriminado e absoluto, é um social constituído e constituinte de sujeitos, historicamente determinados, em condições de vida determinadas, historicamente. “Um social que é também subjetividade e intersubjetividade, cuja dinâmica se constitui na teia de relações entre sujeitos diferentes e semelhantes” (MOLON, 1999, p. 143).

Heller (1992) apresenta a vida cotidiana em duas esferas: a da vida social humana e o da esfera não cotidiana da atividade social. A primeira refere-se aos aspectos da formação do indivíduo, da linguagem, dos símbolos e dos usos e costumes de uma determinada sociedade. A segunda refere-se ao desenvolvimento do homem por meio da ciência, da filosofia, da arte, da moral e da política. Tais esferas estão em constantes mudanças na medida em que o homem produz a história e, a partir das transformações que promove, aprimora os símbolos, os costumes, enfim, desenvolve tanto os produtos materiais, quanto os psíquicos.

Para a estudiosa, os indivíduos se iniciam na esfera cotidiana desde o nascimento, momento em que é introduzido o universo cultural da humanidade, que se estende por toda a vida. A vida cotidiana é inerente à existência de todo indivíduo e é na esfera social que ele se apropria da linguagem, dos bens culturais e dos costumes da sociedade.

É a partir do cotidiano que se depreende o processo de construção de valores do indivíduo ao se apropriar do seu modo da realidade e impõe a sua marca, a sua identidade. Por isso, como indivíduo, cada pessoa é singular, ou seja, ninguém pode experimentar os sentimentos de outrem e a participação nos sentimentos, dores, sofrimentos. Entretanto, a identidade é social, os nossos sentimentos e nossa linguagem, também, são frutos sociais. Por meio dessa apropriação, o homem imprime sua existência na sociedade humana.

Segundo Heller (1992), a universalidade é a composição da vida cotidiana da sociedade, ao apresentar as atividades voltadas à reprodução individual do homem e as atividades não cotidianas. A formação do indivíduo na esfera da vida cotidiana determina o singular. Nesta perspectiva, o indivíduo é sempre, em simultâneo, ser particular e ser genérico.

A vida cotidiana é vista na perspectiva de um conjunto das relações do ser humano com a sociedade.

Desse modo, a vida cotidiana do professor revela suas marcas construídas ao longo de sua trajetória, na convivência diária com os alunos, na apropriação dos costumes da região, na assimilação das informações que resultam em conhecimento construído pelo processo educativo aliado à cultura e revelado no cotidiano.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A proposta está ancorada na metodologia qualitativa, que compreende o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. González Rey (2005, p. 6) enfatiza que, “o conhecimento é uma construção, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento”.

Inicialmente, recorreremos à revisão bibliográfica, com o intuito para buscarmos alguns conceitos fundamentais que nortearão o nosso estudo. Posteriormente, utilizaremos a técnica História de Vida, a partir das histórias contadas, oralmente, pelos sujeitos entrevistados. Entende-se que esta técnica é um projeto de conhecimento que se tem revelado um importante instrumento que possibilita uma compreensão das diferentes histórias dos indivíduos inseridos em um grupo social, compreendendo este grupo e possibilitando estudá-lo.

Percebemos, então, que a História de Vida é uma técnica que vem ganhando espaço nas pesquisas na área de educação. Segundo Bueno et al (2006, p. 387), “[...] as histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área de Educação ganharam visível impulso no Brasil nos últimos quinze anos”. Cabe destacar que a História de vida corresponde a uma denominação genérica, para Souza (2006, p. 3)

As histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de coleta, podendo ser agrupados em duas dimensões, ou seja, os diversos *documentos pessoais* (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as *entrevistas biográficas*, que podem ser orais ou escritas. (Grifos do autor).

A história oral é um procedimento de pesquisa que se constitui como metodologia qualitativa de pesquisa, “direcionada para uma melhor compreensão do presente, bem como permite apreender a realidade presente e o passado pela experiência e vozes dos atores sociais que as viveram” (SOUZA, 2006, p. 6).

O autor afirma que, na pesquisa em história oral, “as narrativas são gravadas através de entrevistas, de forma que a interação pesquisador-pesquisado faz-se presente, possibilitando sua transcrição e por fim, a construção de documentos que serão trabalhados.” (SOUZA, 2006, p. 6).

Neste sentido, Queiroz define os termos história oral e história de vida, relatando que

[...] ‘história oral’ é o termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevista de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. [...] Dentro do quadro amplo da história oral, a ‘história de vida’ constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente; porém, dada sua especificidade, pode igualmente encontrar um símile em documentação escrita. (QUEIROZ, 1987, p. 275, grifos da autora)

Assim, a autora define a história de vida “como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1987, p. 275).

Nesta perspectiva, a técnica a ser empregada será a de história de vida, colhida para trazer à tona a realidade a partir das narrativas re-memoradas. Também, a partir da história de vida, pode-se refletir e analisar sobre o cotidiano. Maciotti (1988) aponta que brotam das narrativas uma realidade convivida, “que expressam e se elevam a uma realidade histórico-coletiva, a partir igualmente da análise comparativa com outras experiências no âmbito do próprio grupo” (p. 188). Para a estudiosa, a análise permite compreender que o cotidiano é individual e grupal.

Vale ressaltar que, nossa intenção, nessa pesquisa, é olhar para o professor de comunidade indígena, reconhecer o contexto em que vive, analisar a construção de seu processo identitário e as práticas docentes adotadas. Pois, o homem vive em sociedade e é a partir desta que sua identidade e sua atividade serão formadas.

As fases da pesquisa compreenderão, portanto: revisão bibliográfica; análise, leituras, estudo e fichamentos das bibliografias encontradas; visita à comunidade indígena; entrevistas; análise dos relatos e, por fim, elaboração do relatório para qualificação e da tese.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

Esta proposta de pesquisa tem a intenção de estudar o processo identitário, ou seja, a constituição do sujeito e as práticas adotadas por professores na comunidade indígena Xerente. Quando falamos em constituição do ser professor, compreendemos que é um sujeito que se faz na e pela atividade docente, que é inter-relacionado. Cunha (2005) relata que a constituição do professor ocorre de acordo com as vivências e as relações desse profissional. Para a autora, o professor,

Quando produz o seu trabalho ou fala sobre si mesmo, enfatiza aquelas questões que, em determinado momento, são consideradas por ele como significativas, e por isso tais produções podem indicar uma síntese personalizada do processo social de constituição do sujeito. Podemos tomar, assim, o que é falado/pensado/discutido/feito pelo professor em relação às condições de produção do cotidiano da escola e da sala de aula como indícios da constituição do sujeito. A relação entre pensamento/linguagem/fala/ação/emoção constitui uma questão fundamental para a compreensão do que é e de como funciona o psiquismo humano (CUNHA, 2005, p. 203).

Acreditamos, enfim, que nossa análise possa contribuir para a prática educativa na comunidade indígena Xerente, na medida em que analisa a vida de professores que constroem suas práticas em contexto específico.

Compreendemos que a identidade de cada um caracteriza a história da humanidade, a partir da força das tradições, dos saberes, da pertença a determinados grupos e das diferenças e igualdades estabelecidas no cotidiano. O que Heller (1992, 1970) chamou de heterogêneo do cotidiano, ou seja, o fato de este se referir aos mais diversos aspectos da vida, em toda a dimensão das relações estabelecidas.

#### REFERÊNCIAS

AMARAL, J. B. ; OLIVEIRA, V. F. . A construção do ser professor na educação superior. **UNIrevista** (UNISINOS. Online), São Leopoldo – RS, v. 1 n.2, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinos.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 ago. 2008.

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. **Prática docente no ensino superior e história oral temática**. **XXIII Anped**, Caxambu – MG, 2000. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0403p.PDF](http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0403p.PDF)>. Acesso em: 28 ago. 2008.

CIAMPA, Antonio da C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 58-75.

\_\_\_\_\_. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CUNHA, Myrtes Dias da. Subjetividade e constituição de professores. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 191-213.

EDDINE, E. A. C.. Ser professor na comunidade indígena xerente: projeto de pesquisa sobre o cotidiano e a constituição do sujeito. In: II Encontro Internacional sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (Interfor), 2017, Palmas. **Anais do II Encontro Internacional Sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (INTERFOR) e do VII Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (ENFORSUP)**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2017. v. 1. p. 516-530

GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1970.

\_\_\_\_\_. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LANE, Silvia T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **O homem em movimento**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 10-19.

MACIOTI, Maria Imacolata. Vida Cotidiana. In: SIMSON, Olga de Moraes von. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, vol. VII, n. 13, p. 31-44, jan-jun 2002.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos Santos. **As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência**. 2010. 171 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

MOI, Flávia Prado. **Organização e Uso do Espaço em duas Aldeias Xerente: Uma Abordagem Etnoarqueológica**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOLON, Susana Ines. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. São Paulo: EDUC, 1999.

MORETTINI, Marly T. A Constituição do Professor e a Atividade Docente: Implicações da Psicologia Histórico – Cultural. In: URT, Sônia da Cunha. **Psicologia e Práticas Educacionais**. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2000a, p. 107-126.

MORETTINI, Marly T. **Professoras de Educação Infantil: Personagens que se Constituem no Movimento de suas Trajetórias**. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2000b.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 13 - 34

PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Fronteiras étnico-cultural e geográfica: Indagações para educação sobre a (re) construção identitária de sujeitos migrantes. **XXVI Anped**, Poços de Caldas, 2003. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/jacirahelenadovallepereira.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/jacirahelenadovallepereira.rtf)> Acesso em: 20 ago. 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e Cultura**. Campinas, v. 39, n. 3, p. 272 – 286, mar. 1987.

SIFUENTES, Thirza Reis. **Mulheres indígenas Xerentes: narrativas culturais e construção dialógica da identidade**. 2007. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Cleube Alves da. **Os Xerente: contextos, contatos e construções**. 2012. 175 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, abr. 2006. Disponível em: <[www.famettig.br/entrevista/docs](http://www.famettig.br/entrevista/docs)>. Acesso em: 20 ago. 2008.